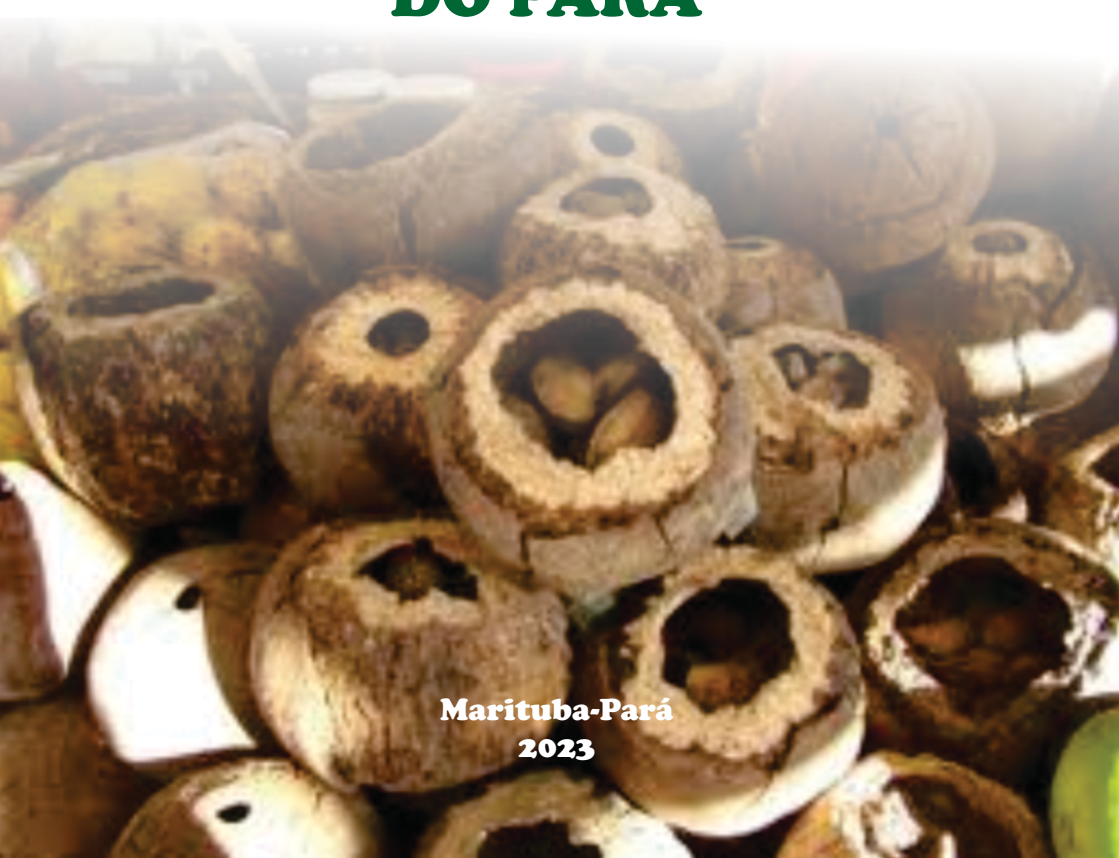


EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL DO ESTADO DO PARÁ  
EMATER-PARÁ

MANUAL TÉCNICO

# CASTANHA DO PARÁ

Marituba-Pará  
2023





EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL DO ESTADO DO PARÁ  
EMATER-PARÁ

**CASTANHA  
DO PARÁ**  
**(Manual Técnico, 14)**  
**(Enfoque da Agroecologia Aplicada)**

Elinaldo Martins da Silva

Marituba-Pará  
2023

Obra editada pela

Empresa de Assistência Técnica e Extensão rural do Estado do Pará – EMATER-PARÁ

Rodovia BR 316, km 12, s/n, CEP: 67.200-970. Marituba-Pará

Tel.: (91) 3299-3400 / 3404

Site: www.emater.pa.gov.br

**Equipe de revisão técnico- metodológico:**

Engº Agrº Antônio Andrey Silva Matos

Engº Agrº Paulo Augusto Lobato da Silva

Pedagogo Mauro dos Santos Ferreira

**Colaboradores:**

Arnaldo Barbosa dos Santos

Sônia Maria Varela Costa

Garcilázio Machado Brillhante

**Revisão de texto:**

Cristina Reis dos Santos

**Editoração eletrônica e arte da capa:**

Socióloga Rosa Helena Campos de Melo

**Normalização:**

Bibliotecária Ana Cristina Barata Ferreira - CRB2/1420

Impressão/Acabamento: Gráfica EMATER-PARÁ

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
Biblioteca da EMATER, Marituba – PA

---

S581c     Silva, Elinaldo Martins da  
            Castanha do Pará / Elinaldo Martins da Silva. \_ Marituba:  
EMATER-PA, 2014.  
            25p.: Il.  
            Inclui Bibliografias.  
            1. Castanha. I. Título

---

# APRESENTAÇÃO

A Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará- EMATER-PARÁ é órgão responsável em prestar serviços especializados nas áreas de ciências agrárias e humanas por meio de informações tecnológicas e interação de conhecimentos, que venham colaborar com a melhoria na qualidade de vida das pessoas que trabalham no meio rural.

A Empresa tem como missão contribuir com soluções para a agricultura familiar, com serviços de assistência técnica, extensão rural e pesquisa, baseados nos princípios éticos e agroecológicos.

Desse modo, a fim de subsidiar técnicos, produtores e demais pessoas interessadas no assunto, a instituição apresenta a cartilha informativa sobre o cultivo da Castanha do Pará, com o objetivo de disponibilizar um conjunto de informações sobre a cultura, na tentativa de contribuir para o aperfeiçoamento e desenvolvimento do cultivo em bases sustentáveis.

Portanto, esta publicação faz parte da série “Manual Técnico”, resultado dos esforços de profissionais da extensão rural, comprometidos com a assistência técnica junto aos produtores rurais, disposto a compartilhar informações atualizadas a partir de dados de pesquisa e das experiências de campo, considerando a realidade local e todas as possíveis adaptações que se fizeram necessárias para sua efetivação.



## A TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA

A assistência técnica e extensão rural desenvolvida pela EMATER-PARÁ no contexto da transição agroecológica, em conformidade com a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural-PNATER, estimula a produção de alimentos saudáveis e de melhor qualidade biológica, com orientação aos agricultores familiares e suas organizações, para a construção e adaptação de tecnologias de produção ambientalmente saudáveis.

O foco da ação extensionista está voltado para a sustentabilidade dos sistemas produtivos; otimização do uso e manejo dos recursos naturais; gestão e conformidade ambiental das unidades familiares de produção; e a viabilização de condições para redução da pobreza e exercício da cidadania, buscando contribuir para a promoção da qualidade de vida da população rural e urbana.

Trabalhar o enfoque da sustentabilidade no paradigma agroecológico, orientado para os processos produtivos, tem como ponto de partida o conhecimento da realidade local e o desejo das famílias por mudanças em suas práticas, no sentido de estabelecer uma relação mais harmoniosa de produção, com respeito e ética em relação ao consumidor, e a preservação de recursos naturais, o que remete ao princípio de solidariedade com as gerações futuras, que têm direitos também sobre os recursos naturais e seu uso.

A edição dos “Manuais Técnicos com enfoque da Agroecologia Aplicada” se constitui uma ferramenta auxiliar que compõe o conjunto de esforços e mecanismos da EMATER-PARÁ no sentido de contribuir na construção de outras formas de agriculturas mais sustentáveis.

Assim, os manuais técnicos auxiliam na instrumentalização focada no processo produtivo partindo do modelo convencional, para recomendações de práticas alternativas, por entender que a transição passa, necessariamente, pelo consciente de cada um, e por diferentes estágios de mudanças, seja do técnico, seja do agricultor.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	07
<b>2 BOAS PRÁTICAS DA CADEIA DA CASTANHA</b> .....	08
<b>3 O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE CASTANHA</b> .....	08
3.1 PRÉ-COLETA .....	08
3.2 COLETA E AMONTOA DOS OURIÇOS .....	09
<b>4 QUEBRA DOS OURIÇOS</b> .....	10
<b>5 LAVAGEM E PRÉ-SECAGEM DA CASTANHA</b> .....	12
<b>6 ARMAZENAGEM DA CASTANHA EM PAIÓIS</b> .....	13
<b>7 MAPEAMENTO DOS CASTANHAIS</b> .....	14
<b>8 A CADEIA DE VALOR DA CASTANHA</b> .....	15
<b>9 COMEÇANDO O TRABALHO</b> .....	16
<b>10 PLANEJANDO PROD. E COMERC DA CASTANHA.</b>	17
<b>11 O ACESSO AO CRÉDITO RURAL</b> .....	19
<b>12 PROJETO EXTRATIVISTA SUSTENTÁVEL..</b> .....	21
<b>13 BOAS PRÁTICAS NA CADEIA DE VALOR.</b> .....	23
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	26



## 1 INTRODUÇÃO

### A CASTANHA-DO-PARÁ

A castanha-do-pará (*Bertholletia excelsa* Humb. & Bonpl) também é conhecida como castanha-do-pará, castanha-da-amazônia, castanha, castanheira, castanha-verdadeira, castanheiro, amendoeira-da-américa ou castanha-mansa. É uma árvore de grande porte, encontrada nas florestas de terra firme da Amazônia, pertencente à família das Lecithidaceas. Pode chegar a 50 metros de altura e 2 metros de diâmetro, destacando-se na floresta por seu porte frondoso. Sua densidade populacional pode variar de 1 a 5 árvores por hectare (Wadt, 2005).

Foto: Sônia Varela

A extração da castanha é considerada de suma importância para as famílias extrativistas da região, pois a dinâmica do esforço de trabalho familiar está inteiramente relacionada com o seu ciclo de produção.



## **2 BOAS PRÁTICAS DA CADEIA DA CASTANHA**

Mas afinal, o que são as Boas Práticas da Cadeia de Valor Castanha-do-Pará?

São alguns cuidados que os extrativistas devem ter com a castanha, em todo o processo de produção, desde a coleta dos ouriços no chão, lavagem, secagem, seleção, quebra, transporte até o armazenamento das castanhas, para evitar a contaminação por aflatoxinas.

E o que são Aflatoxinas? são fungos do gênero *Aspergillus*, produtores da substância tóxica aflatoxina que pode causar doenças hepáticas no homem e em outros animais.

Contudo, a adoção das Boas Práticas não garante a inócuência da aflatoxina, mas reduz a incidência de fatores que favorecem o desenvolvimento de seus fungos causadores, como a umidade e temperatura (Pires, 2009).

## **3 O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE CASTANHA**

### **3.1 PRÉ-COLETA**

Durante um período de safra, que pode chegar até oito (08) meses, indo de janeiro a agosto nos castanhais mais distantes, a família se desloca para a sua colocação a fim de iniciar o processo de produção por meio da reforma ou construção do barraco, do paiol e do secador rústico. Nesse momento, também se recomenda a limpeza dos igarapés e varadouros ao redor das árvores (corte de cipós) para melhor visualização dos ouriços caídos ao chão.

### 3.2 COLETA E AMONTOA DOS OURIÇOS

Trata-se da prática de catação manual dos ouriços que estão no chão, utilizando-se uma ferramenta rústica chamada de “cambito” que direciona o ouriço para um paneiro (cesto de palha) preso nas costas do castanheiro. Após a coleta, o paneiro chega a pesar aproximadamente 50 kg. Os ouriços devem ser despejados e amontoados no chão, em locais abertos e que facilitem o acesso do castanheiro para fazer a coleta imediata. .

#### Coleta manual do ouriço da castanha

Fotos: Heider Torres



comprimento e espinhos nos bordos e ápice da folha. O pedúnculo do fruto é longo (em torno de 30 cm). Produz muitos filhotes (5 a 15) presos ao pedúnculo, próximos da base do fruto, o qual apresenta forma cônica, casca amarelada (quando maduro), polpa branca, sucosa, com sólidos solúveis totais de 14° brix a 16° brix, pouca acidez, sendo agradável ao paladar do brasileiro. O peso médio do fruto é de 1,0 kg a 1,5 kg, possui coroa de média a grande, sendo mais comercializado para consumo *in natura* e pouco para o industrializado. Apresenta tolerância à murcha associada à cochonilha (*Dysmicoccus brevipes*), é suscetível à fusariose, doença causada pelo fungo *Fusarium subglutinans*.

**IMPORTANTE:** O ataque dos fungos às castanhas ocorre quando os ouriços ficam depositados no chão por vários dias antes de serem coletados.

#### 4 QUEBRA DOS OURIÇOS

Com os montes já feitos, faz-se a quebra do ouriço da castanha para a retirada das amêndoas que se encontram no interior dele. Nessa etapa, pode se utilizar uma ferramenta com lâmina bem afiada, como uma machadinha, foice ou terçado. Realiza-se então a primeira seleção das amêndoas, retirando os umbigos, castanhas chochas, podres e cortadas. O processo é simples, porém muito importante para garantir a qualidade da castanha.

## Quebra do ouriço da castanha para retirada das amêndoas



Fotos: Heider Torres





## 5 LAVAGEM E PRÉ-SECAGEM DA CASTANHA

Com a primeira seleção já realizada, as amêndoas devem ser lavadas em água limpa e expostas ao sol para a secagem, utilizando-se pré-secadores solares - estruturas em madeira semelhantes a “giraes” - que sustentam uma tela (sombrite) suspensa numa altura não superior a 1 m a fim de facilitar o trabalho de manuseio das amêndoas, as quais precisam ser espalhadas e reviradas para uniformizar a exposição ao sol e, conseqüentemente, a secagem.

Nessa fase, é realizada a segunda seleção (catação) das amêndoas que estiverem visivelmente comprometidas (umbigos, castanhas chochas, podres e cortadas).

### Secador solar de amêndoas da castanha

Fotos: Sônia Varela





## 6 ARMAZENAGEM DA CASTANHA EM PAIÓIS

Depois da etapa de pré-secagem, as castanhas devem ser armazenadas em estrutura coberta e de parede parcialmente telada, chamada “paiol”, para posteriormente serem levadas aos barracões de armazenamentos e ensacadas.

### **Paiol para armazenamento de amêndoas**

Fotos: Sônia Varela





**Paiol para armazenamento de amêndoas**

## **7 MAPEAMENTO DOS CASTANHAIS**

O trabalho de georreferenciamento dos castanhais, objetivando mapeamento das áreas que serão exploradas, é de suma importância para a localização precisa pelos extrativistas, e pode ser realizado pelas comunidades em parceria com as instituições de ATER e outros. Essa estratégia atribui ao castanheiro uma visão de planejamento e organização da sua produção, influenciando na redução e otimização de tempo e mão-de-obra, aumentando a eficiência na coleta; gera informações importantes para o manejo da castanha e outros produtos da floresta, além de permitir que se faça a estimativa de produção dos castanhais para a safra do ano seguinte.

## 8 A CADEIA DE VALOR DA CASTANHA

Qualquer intervenção da extensão rural no setor extrativista da castanha, bem como de outros produtos florestais não madeireiros, não devem ser feitas isoladamente, sob o risco de exaurir recursos e não produzir efeitos socioeconômicos positivos. Recomenda-se, antes de tudo, buscar estratégias participativas e intersetoriais capazes de levar os produtores e os demais atores envolvidos a conhecer a realidade da cadeia produtiva e a forma como se comporta todo o processo de produção, beneficiamento e comercialização da castanha-do-brasil, desde a coleta até seu destino final.

Várias metodologias estão disponíveis no mercado e na rede de serviço das instituições nacionais e internacionais que atuam no enfoque do desenvolvimento sustentável. Para efeito de exemplificação e enriquecimento ao conteúdo desta cartilha, podemos citar aqui as metodologias utilizadas no Projeto: **Extrativismo Sustentável de Almeirim**, descrito na forma de resumo e *case*, no capítulo final desta publicação.

Para conhecer as principais dificuldades a serem vencidas para alcançar o fortalecimento da cadeia de valor da castanha, foi utilizado a metodologia “Value Links” aplicada à Cadeia de Valor da Castanha do Vale do Jari. Essa metodologia foi desenvolvida pela GIZ e Parceiros para incentivar as chamadas *cedias* de valor da sociobiodiversidade, a exemplo da cadeia da castanha, a fim de que estas possam ser estudadas e reestruturadas de forma a corresponder as demandas do mercado e as diretrizes das políticas públicas de conservação da biodiversidade da sociedade brasileira.

## 9 COMEÇANDO O TRABALHO

Para que o produtor extrativista, ao atuar em conjunto com os agentes de extensão rural e os demais agentes produtivos, sociais e governamentais, alcance com efetividade todo o processo de boas práticas, ele deve se comprometer com um grupo de ações estratégicas.

### **- Estudando o mercado, seus riscos, oportunidades e mecanismos de acesso.**

Estruturar uma cadeia de valor da sociobiodiversidade requer planejamento com base em dados e informações fiéis à dinâmica e realidade econômica da cadeia em foco.

É necessário começar com estudos objetivos e focados no desempenho do produto no mercado, principalmente, em termos de custos, preço, qualidade, logística e concorrência, mapeando os principais atores, diretos e indiretos, da cadeia e identificando os gargalos estruturais inerentes à base da cadeia produtiva, sobretudo no campo das políticas públicas em seus aspectos legais, fiscais, técnicos (ATER) e financeiros (Crédito).

Uma dica importante para essa etapa é não encarar o estudo de viabilidade técnica e econômica como um exercício de produção de um documento técnico e acadêmico teórico, denso e complexo e sim um exercício de diálogo com os principais agentes técnicos e produtivos (atores-chave) para o acesso a números e informações confiáveis.

## 10 PLANEJANDO A PRODUÇÃO E A COMERCIALIZAÇÃO DA CASTANHA

Os processos de articulação institucional e comercial, associados aos processos de capacitação, assessoramento e monitoramento técnico e econômico, executados de forma didática e participativa, constituem estratégias indispensáveis para o planejamento e organização da produção, bem como para o fortalecimento organizacional das comunidades extrativista produtoras de castanha-do-pará e outros produtos da floresta.

**- A importância da diversificação da produção extrativista como estratégia de sustentabilidade a ser considerada a partir da fase de planejamento da cadeia da castanha.**

Por ser característica histórica e inerente à agricultura familiar e ao extrativismo, a diversificação da produção torna-se uma diretriz estratégica para o planejamento participativo da produção familiar agroextrativista e agroflorestal, priorizando, nesse processo, os produtos agroflorestais com maior potencial de mercado duradouro a partir dos estudos e critérios adotados na fase de estudo e planejamento da cadeia de valor.

É fundamental, nessa etapa, considerar o tamanho da força de trabalho das famílias e/ou comunidades participantes e orientá-las a estabelecer foco nas atividades que concentrem menor custo, tempo, esforço e agreguem maiores resultados, com menor grau de

dependência dos mercados informais e limitados. Recomenda-se que os esforços em termos de estudo, articulação, capacitação e acompanhamento técnico, estimulem progressivamente a agregação de valor aos produtos e derivados dos produtos de base agroextrativista, com maiores potenciais econômicos identificados.

**- Fortalecendo a capacidade de organização e negociação das comunidades:**

Cabe aqui reiterar a importância dos processos de articulação institucional, capacitação, assessoramento técnico produtivo, estratégia de desenvolvimento de mercado, no âmbito local e regional, até mesmo, nacional e internacional.

Nesses processos, o uso de ferramentas participativas, organizadas em etapas que considerem a cultura e o tempo de assimilação das comunidades, e que sejam capazes de pactuar prazos, padrões e responsabilidades mútuas, é estratégia essencial para o processo de fortalecimento organizacional e de empoderamento das comunidades.

Assim, o acesso ao crédito, à assistência técnica e a diferentes mercados são fatores indispensáveis para a redução do grau de dependência dos produtores aos sistemas tradicionais que movem as cadeias produtivas de produtos da floresta, a exemplo do sistema tradicional de aviação da produção extrativista na Amazônia.

## 11 O ACESSO AO CRÉDITO RURAL

Por si só, nenhuma política pública ou privada, seja ela de crédito, de ATER, de transferência de tecnologia, de comercialização, etc; é capaz de promover mudanças estruturais na cadeia da castanha ou de qualquer outra cadeia produtiva de base agroextrativista. É necessário, portanto, que o crédito esteja articulado a outras políticas e iniciativas convergentes em relação ao objetivo do desenvolvimento comunitário.

### **- O acesso ao crédito como instrumento para a produção e comercialização da castanha**

O crédito exerce maior influência, na medida em que consegue inverter a lógica da propriedade da produção, que deixa de ser da figura do “aviador” para pertencer de fato ao produtor extrativista, quebrando uma relação de dependência histórica, imposta pelo sistema tradicional de aviamento.

Embora os efeitos do crédito sejam visivelmente mais impactantes nas relações de mercado, principalmente na definição de custos e de preço, ainda assim, se não associados às boas práticas da produção extrativista e às estratégias de diversificação da produção, agregação de valor e ampliação das relações de comercialização, o acesso ao crédito, isoladamente, não pode dar conta de mudanças profundas na forma de comercialização a longo prazo.

## **- Quebrando o ciclo de sistema tradicional de aviamento**

Não há uma receita. Há princípios que podemos e devemos considerar invioláveis no processo, situados principalmente na definição e separação dos campos: público e privado, à medida em que se promove, de forma progressiva, a informação e o acesso à direitos, em termos de políticas públicas sociais e econômicas, até então distantes ou ausentes da realidade dos agentes produtivos que atuam na base da cadeia produtiva da castanha, principalmente as comunidades agroextrativistas, indígenas e quilombolas.

Dessa forma, retira-se do papel das indústrias de castanha e de sua ampla e complexa rede de representantes comerciais (conhecidos como compradores ou atravessadores) a tarefa de “subsidiar” os custos da produção extrativista e de preestabelecer preços, pesos e medidas, para se ater exclusivamente ao papel logístico e comercial de compradores, reduzindo, por outro lado, os riscos assumidos também por esses atores e, sobretudo, tornando as relações de produção e comercialização mais equilibradas e justas.

Em outras palavras, para interromper o ciclo vicioso do aviamento (reprodutor de miséria e pobreza na floresta), não basta apenas transferir para outras empresas, supostamente dispostas à prática do mercado justo, o papel de “fomentar” os custos de produção necessários à movimentação das cadeias produtivas da sociobiodiversidade, mas sim estimular as comunidades a buscar mecanismos de aquisição da autonomia e independência financeira no custeio e investimento para a sua produção, exigindo-se, por outro lado, qualidade no produto, formalidade nos prazos, quantidades e preços a partir do exercício da livre negociação entre as partes.



## 12 PROJETO EXTRATIVISTA SUSTENTÁVEL

A experiência da EMATER-PARÁ nas boas práticas da cadeia da castanha-do-pará não se deu pelo esforço acadêmico de pesquisa. Embora tenhamos buscado as contribuições da pesquisa agroflorestal e de mercado, nossa experiência se inspira principalmente nas vivências e aprendizados proporcionados pelo projeto Extrativismo Sustentável, desenvolvido em Almeirim, pela Fundação Jarí em parceria com a EMATER-PARÁ e diversas outras instituições governamentais e não governamentais comprometidas.

O Projeto Extrativismo Sustentável foi iniciado em 2008, com o propósito de valorizar a cultura extrativista e criar condições para a sustentabilidade dessa atividade, que é a principal identidade cultural das comunidades tradicionais do município e da região.

Nosso desafio era interferir na relação comercial entre extrativistas e compradores de castanha que, como já dissemos, sempre se baseou no sistema tradicional de aviamento, o qual por muitos anos dominou e ainda predomina como sistema que move a base produtiva da cadeia da castanha-do-pará e de outros produtos da floresta na Amazônia.

Diante do grande desafio, era necessário combinarmos diferentes estratégias, como: articulação de parcerias comerciais com a indústria; assistência técnica para a implantação das boas práticas; acesso a políticas de fomento da produção rural sustentável; formação e informação aos extrativistas para a organização da produção familiar e alternativas de produção e de renda, com base no uso racional do solo e da floresta.

O exercício do diálogo deve ser uma etapa permanente e indispensável no escopo da política pública e/ou das ações de responsabilidade social de qualquer empresa que tenha real interesse de contribuir para o desenvolvimento regional sustentável. Com parcerias firmadas, extrativistas tiveram acesso ao crédito rural por meio do Pronaf – via Banco do Brasil e Banco da Amazônia, por sete anos seguidos. Recursos na ordem de 800 mil reais foram destinados para mais de **100** castanheiros, mantendo-se até hoje o índice zero de inadimplência nessas operações de crédito.

O acesso às políticas públicas de crédito rural (PRONAF), comercialização (PAA e PNAE) e subvenção (PGPM Bio) da produção agroextrativista, repercutiu no novo posicionamento do extrativista no contexto da relação comercial com os compradores de castanha-do-pará, uma vez que estes já não tiveram mais que se submeter ao sistema tradicional de aviamento.

Ao lançar mão de recursos próprios, oriundo da relação com essas políticas, o extrativista retornava dos castanhais com uma produção que passou a ser sua de fato e não mais da figura do “patrão”, elevando-se a um patamar de “igual para igual” na relação comercial, exercendo o direito de negociar preços mais justos; passo importante na aquisição da independência econômica do extrativista, tornando o mercado mais competitivo e forçando a migração das relações comerciais para o campo da legalidade, da ética e da cidadania.

## 13 AS BOAS PRÁTICAS NA CADEIA DE VALOR DA CASTANHA

Negociar bons preços e reduzir a cadeia de intermediários entre o extrativista e a indústria dependem da adoção de padrões de qualidade do produto. Com a orientação técnica (EMATER-PARÁ e EMBRAPA) para os cuidados adequados nos processos de coleta, quebra, lavagem, transporte, secagem e armazenamento da castanha e a implantação de estruturas (paióis, barracões de armazenagem e secadores industriais) nas comunidades, investimentos do Governo do Pará (IDEFLOR), Prefeitura de Almeirim e Grupo Jari, foi possível influenciar a redução dos índices de umidade e o aumento da produtividade e da renda.

Além das boas práticas na produção da castanha, os extrativistas foram orientados a reaproveitar áreas já alteradas pela prática da lavoura (roça), bem como a utilizar adubação orgânica, promover a diversificação e a rotação de culturas, o plantio de espécies resistentes e adaptadas às condições climáticas locais e o controle eficaz de pragas e doenças. São os conhecidos SAFs (Sistemas Agroflorestais).

Eles evitam a derrubada de novas áreas de floresta pela queima de roças, diversificam a produção familiar e aumentam as condições de segurança alimentar e renda. Outra repercussão do trabalho, foi a organização de um grupo de mulheres que se apropriou das técnicas de produção, higiene e qualidade para a confecção de biscoito de castanha-do-pará. Elas adquiriram os equipamentos necessários,

utilizando recursos financeiros próprios, oriundos da melhoria na renda familiar com a venda da castanha.

O resultado foi à comercialização dos biscoitos de castanha para a merenda escolar (prefeitura de Almeirim) a preços até quinze vezes acima do valor da castanha, quando vendida *in natura*. Essa atitude valorizou os saberes tradicionais e o trabalho da mulher, diversificou e agregou valor ao produto e fortaleceu a organização e a economia familiar.

Agora, os frutos dessa “colheita” já não são nossos, pertencem às comunidades, pela via da participação social e do empoderamento. Acima de tudo, pertencem à sociedade, pois resultam de um esforço coletivo de pessoas e de instituições que acreditaram e tomaram decisões, cientes de que não há outro caminho para a construção de um modelo de Governança Florestal para a Amazônia, a não ser pela via do diálogo e da cooperação intersetorial, da efetivação de políticas públicas e do exercício da responsabilidade empresarial.

*Nosso agradecimento sincero a EMATER-PARÁ, EMBRAPA-AP, IDEFLOR, BANCO DO BRASIL, CONAB, ICMBIO, GIZ, STTR de Almeirim e Prefeitura Municipal, por acreditarem no projeto e tê-lo adotado como PARCEIRO.*

*Nossa gratidão especial as associações ACANA (Comunidade Armanduba) e ASMACARU (Comunidades: Cafezal, Catabaú e Pedra Branca) por terem se empoderado do projeto e serem hoje um exemplo de organização comunitária e produção sustentável na floresta.*

## REFERÊNCIAS

Associação do Povo Indígena Zoró – APZ. **Boas práticas de coleta, armazenamento e comercialização da castanha-do-Brasil**, Cuiabá-MT, 2008.

Fundação Orsa – **Relatório de Atividades**, Dezembro de 2011.

GTZ, Fundação Orsa e Prefeitura de Almeirim-PA. **Relatório: Oficina Participativa com os Atores da Cadeia de Valor da Castanha no Vale do Jarí**, Almeirim, 15 e 16 de abril de 2009.

PINTO, Andréia. **Boas Práticas para o manejo florestal e agroindustrial de produtos florestais não madeireiros: açaí, andiroba, babaçu, castanha-do-Brasil, copaíba e unha-de-gato**. Belém-Pa: Imazon; Manaus-AM: SEBRAE-AM, 2010.

SOUZA, W.P. **A dinâmica dos sistemas de produção praticados em uma unidade de conservação de uso na Amazônia: a reserva extrativista do rio Cajari no Estado do Amapá**. Belém, 2006. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável).

Centro de Ciências Agrárias, Núcleo de Estudos Integrados sobre Agricultura Familiar, Universidade Federal do Pará. Embrapa Amazônia Oriental. [2006?].





**GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ**

**Helder Zahluth Barbalho**  
Governador

**Hana Ghassan Tuma**  
Vice-governadora

**Giovanni Corrêa Queiroz**  
Secretário de Desenvolvimento  
Agropecuário e da Pesca



**EMATER-PARÁ**

**Joniel Vieira de Abreu**  
Presidente

**Robson de Castro Silva**  
Diretor Administrativo

**Rosival Possidônio do Nascimento**  
Diretor Técnico